

Em Paz

JOSÉ VILHENA

Pedro d'Anunciação
panunciacao@sapo.pt

1927-2015 O grande humorista de antes e depois do 25 de abril

Cartoonista, humorista, escritor, pintor, fotógrafo, cineasta ocasional, editor e distribuidor, que assinou trabalhos na década de 50 no *Diário de Lisboa*, fundador de revistas como a *Gaiola Aberta* (a sua iniciativa mais popular, que chegou a vender 150 mil exemplares por edição), que tratou tudo e todos com igual humor, desde o salazarismo às religiões, dos políticos pós-abril ao povo, enfim, todos os costumes, figuras e figuras nacionais (reivindicou-se, nesse sentido, um sucessor de Bordallo Pinheiro e não só). Morreu dia 3, aos 88 anos, de Alzheimer.

Antes do 25 de Abril, chegou a ser enaltecido por setores da Oposição como uma das suas figuras proeminentes. Mas o problema seriam os ataques posteriores a esses setores e pessoas no pós-25 de Abril. Contou ele que alguns, como Mário Soares, reagiram com humor, e ainda lhe procuravam os trabalhos sobre si próprios. Outros chegariam a perseguir-lo: ele acusaria um oficial de Marinha, na altura tido como próximo do PCP, que chegou a ser ministro da Comunicação Social no PREC, de pretender reativar a censura.

Jorge Alfredo de Vilhena Rodrigues nasceu em Figueira de Castelo Rodrigo, Guarda, numa família de classe média relativamente abastada, filho de um proprietário rural e de uma professora primária. Veio estudar para Lisboa aos 10 anos. Conta numa autobiografia de finais dos anos 50 nunca ter sido bom aluno, mas vivido com a normalidade de outras crianças.

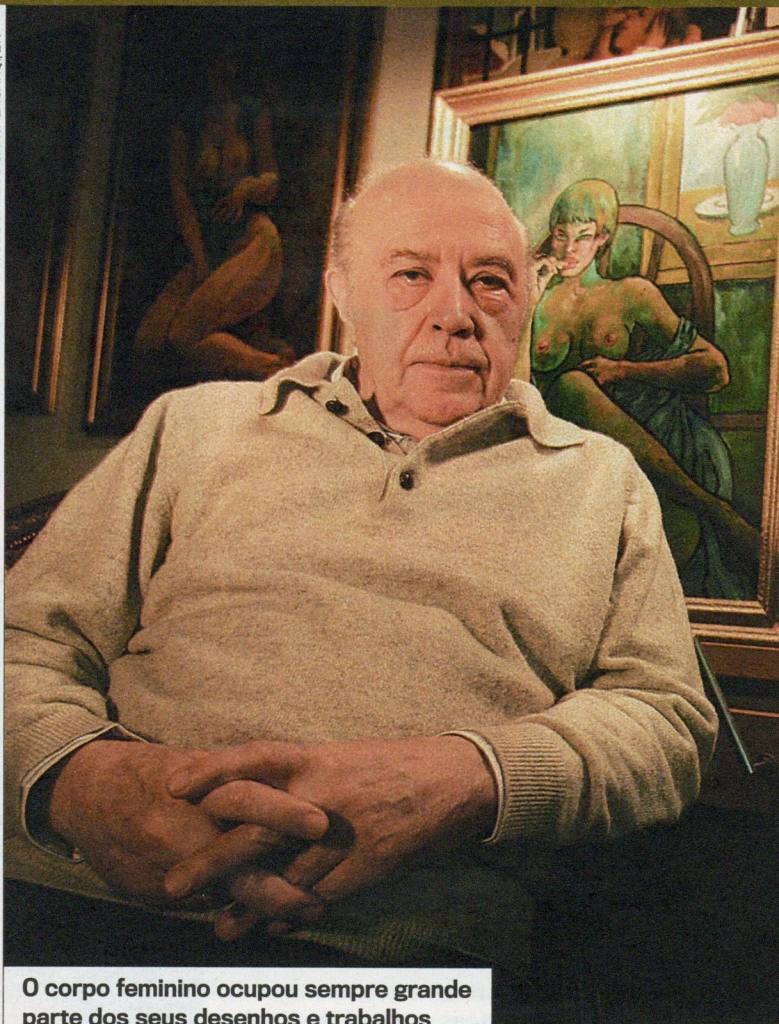
Vejam agora as tragédias que, na sua opinião, e como diz na referida autobiografia, se lhe sucederam na vida: «Aos 20 anos, uma pneumonia; aos 21, uma loira; aos 23, o serviço militar;

aos 24, uma daquelas mulheres que põem o juízo em água ao mais 'sabido'; aos 25, obrigado a trabalhar numa casa que traficava vinhos (aí adquiriu uma inclinação muito acentuada para a bebida); aos 26, vários dramas sentimentais... tornam-no um descrente na humanidade...; aos 27, publica o seu primeiro livro (*Este Mundo e Outro*) e é apedrejado pela crítica de alguns jornais; aos 28, uma paixão dupla (fenómeno raríssimo)...; aos 29, o 2.º livro (*Pascoal*); aos 30, conhece uma morena – e esta última tragédia assume proporções tão catastróficas, que alguns amigos admitem ser o ponto final de uma vida inteiramente dedicada às artes e à contemplação da natureza...».

Testemunhos vários garantem que sempre viveu muito ligado a mulheres. E o corpo feminino, que muitas pessoas consideram ter ele tratado com bastante mau gosto nas suas ilustrações, apoderou-se do seu trabalho, numa altura em que este pareceu quase pornografado.

Mas teve o seu tempo de real

Cartoonista e humorista fundador das revistas *O Cavaco* e *Gaiola Aberta*, tratou com igual humor o salazarismo, a religião ou os políticos pós-1974. Morreu dia 3, aos 88 anos, de Alzheimer



JOSE CARLOS CARVALHO/ADN

O corpo feminino ocupou sempre grande parte dos seus desenhos e trabalhos

glória. Alguém disse agora que ele foi o que hoje poderemos considerar a união dos Gatos Fedorentos e de Herman José. O escritor e professor Rui Zink escolheu-o mesmo para um mestrado.

Entretanto, foram as mulheres, com processos constantes, que lhe estragaram a vida. A *Gaiola Aberta* apareceu logo a 15 de Maio de 1974. Antes do 25 de Abril, escrevera cerca de 60 livros, e estava a editar uma enciclopédia por fascículos – que, embora seguisse a ordem alfabética das enciclopédias, se atinha à sua ideia de que a censura era mais benevolente com os livros do que com as revistas e jornais.

O primeiro e sanado processo veio de Carolina do Mónaco, que ele satirizara em Novembro de 1981 em posições impróprias, glossando o anúncio de uma bebida. Ficou a ideia de que Carolina terá sido espicada por algum advogado português, à procura de ganhar umas coroas, e pediu-lhe em tribunal uma indemnização de 400 mil dólares. O seu advogado de então, Luís Francisco Rebelo, conseguiria chegar a um acordo, considerado satisfatório para ambas as partes. Mas contou ele então que o processo lhe custara mil

contos, e acusou os Grimaldi de quererem ganhar uns dinheiros à custa de um 'portuga encalacrado'. E a revista andou suspensa. Depois, houve outras portuguesas por ele retratadas que o levaram mesmo a uma espécie de falência: Bárbara Guimarães e Margarida Pinto Correia haveriam de desistir dos processos; mas outras acabaram mesmo a receber dinheiro, como Catarina Furtado e Cristina Caras Lindas (de quem já ninguém se lembrará). E outras ainda (como Maria Elisa, Edite Estrela, Sofia Aparício ou Ana Malhoa) revelaram maior *fair play*, não entrando em contendas judiciais.

José Vilhena era, nas relações pessoais, o contrário dos seus *cartoons*. Muito menos assertivo, tímido até, sempre agradável, estatura meã, porte simpático e relativamente conservador.

No Porto, onde fez a tropa, chegou a frequentar Arquitetura, que não acabou. Preferiu instalar-se em Lisboa, no Bairro Alto, coração da imprensa de então, e começar nos anos 50 a colaboração nos jornais.

Em 2006, já com sintomas claros de Alzheimer, teve de parar de trabalhar, e foi internado num lar.

Óbitos

Henning Mankell

N.1948 Escritor sueco, editor, dramaturgo (ligado ao Teatro Avenida, em Maputo, onde vivia metade do ano), casado com uma filha de Ingmar Bergman. Conhecido pelos seus romances policiais (criador do detetive Kurt Wallender, interpretado por Kenneth Branagh numa série da BBC), traduzido em Portugal pela Presença. Morreu dia 5, 67 anos, cancro.

Manuel Empis Bragança

N.1953 Olisipógrafo, lavrador (sócio da Herdade das Barrosas) e associado de uma agência de seguros. Morreu dia 4, 62 anos.

Chantal Akerman

N.1950 Realizadora belga, autora de filmes como *A Cativa* ou *Os Encontros de Anna*, experimental, pioneira no seu estilo de cruzar ficção e documentário, de que a Cinemateca fez uma retrospectiva em 2012. O seu último documentário, *No Home Movie*, é sobre a mãe sobrevivente do Holocausto. Morreu dia 5, 65 anos.

Philip Woods

N.1931 Saxofonista dos EUA, lenda do jazz, seguidor de Charles Parker. Morreu dia 29, 83 anos.

Denis Healey

N.1917 Aristocrata inglês (com o título de barão) e dirigente da esquerda trabalhista, várias vezes ministro (trabalhou com Harold Wilson). Morreu dia 3, 98 anos.

Efemérides

República proclamada

05.10.1910 Foi há 105 anos declarada em Lisboa, na varanda dos Paços do Concelho, por José Relvas, quando Portugal era já um dos países mais antigos da Europa dentro das suas fronteiras, com 767 anos de independência.

Miguel Bombarda

03.10.1910 Neurocirurgião e cientista português, deputado republicano liberal e anticlerical, foi assassinado por um doente no Hospital de Rilhafoles há 105 anos, sendo um dos motivos que terá contribuído para o acelerar da Revolução que instaurou a República dois dias depois.